

Ano XIII - Cunhary 59 - Janeiro-Março/2005

por Vera Vieira

Articulando ações locais para o fim da violência contra a mulher

A Rede Mulher de Educação, através de suas sócias-educadoras de onze localidades, iniciou, em 2004, com caráter de continuidade até 2006, o apoio metodológico, didático e financeiro, a ações que visam à construção de redes de serviços para o enfrentamento da violência contra a mulher.

As principais atividades previstas ocorrem no mês de novembro, por ocasião do Dia Internacional pela Não-Violência contra a Mulher (25/11), envolvendo atores principais - áreas médica/jurídica/segurança, delegacia da mulher, casa abrigo ou serviço de referência, etc. -, atores secundários - estabelecimentos de ensino públicos e privados, lideranças das áreas jurídica/médica/outras, lideranças populares, diferentes mídia, etc. - e a população em geral.

Essas iniciativas contam com o suporte financeiro da Novib (agência de cooperação holandesa) ao Fundo de Pequenas Iniciativas e com o acúmulo de experiências da Rede Mulher na construção de redes, havendo, inclusive, um instrumento de trabalho sistematizado em 2002: a publicação 'Vem pra Roda! Vem pra Rede! Guia de apoio à construção de redes de serviços para o enfrentamento da violência contra a mulher'.

É através de uma ação qualificada e articulada que se pode contribuir para a diminuição da violência de gênero, provocada pela histórica construção cultural que coloca a mulher em condições de subordinação ao homem, e, com isso, alterar a realidade brasileira, onde a cada 15 segundos uma mulher é espancada.

A seguir, um pequeno panorama das onze ações iniciadas em diferentes localidades brasileiras.



Entre as atividades realizadas em São Leopoldo/RS, a cargo da sócia educadora Clair Ribeiro Ziebell, estava a sensibilização e o aprofundamento sobre a importância de atuar em rede.



Felícia de Moraes Soares, sócia-educadora da cidade do Rio, articulou a participação de lideranças locais e regionais, para a elaboração de estratégias.



Em Cuiabá/MT, a sócia-educadora Madalena R.Santos promoveu, também, uma passeata para mobilizar a população e as autoridades.

“Nenhuma pessoa é tão boa, e tão inteligente, quanto todas juntas”

(frase de Marilyn Ferguson)



Em Foz do Iguaçu/PR, Moema Libera Viezzer juntou as atividades do Fundo com a inauguração do primeiro Centro de Referência da Mulher.



Em Belo Horizonte/MG, Valéria Barreto e Maria Beatriz de Oliveira conseguiram trabalhar, com os grupos participantes, as bases para os próximos passos de uma articulação em rede.



Na Zona Leste de São Paulo, Maria da Penha Nascimento aprofundou as especificidades de cada serviço e consolidou uma agenda de continuidade.



Na Zona Sul de São Paulo, Maria José L.Souza e Suzanne M.Mailloux conseguiram reunir os diversos atores estratégicos para implementação da rede de serviços.

O mais importante é que, ao integrar a Rede, cada um dos atores se aproprie do seu papel e responsabilidade. Vontade, estratégia, persistência e criatividade são elementos fundamentais para o bom funcionamento. Outro aspecto relevante a considerar são as formas de organização, bem como as realidades em que estão inseridas, determinantes nas formas de atuação.

Foi a partir deste alicerce, que as onze iniciativas do Fundo da Rede Mulher, com o apoio da Novib, tiveram suas ações planejadas em 2004, com continuidade até 2006. Nesse primeiro ano, as iniciativas conseguiram atingir, diretamente, cerca de 1500 lideranças multiplicadoras, com oficinas, seminários, painéis, e audiências. Em termos de divulgação nos meios de comunicação de massa e passeatas, chega-se a quase 2 milhões de pessoas. Dentre os principais resultados, pode-se citar: início da criação ou implementação de uma rede de serviços integrados para o enfrentamento da violência contra a mu-

lher, envolvendo diversos atores principais e secundários; gestão de mecanismos de pressão para a criação ou implementação de políticas públicas, considerando-se o baixo índice de serviços existentes; conscientização sobre a realidade dramática da questão da violência contra a mulher e aprofundamento teórico; ampla sensibilização da população em geral, através da incidência nos meios de comunicação de massa; efeito multiplicador das atividades, independentemente daquelas previstas com verbas do Fundo.

Em São Leopoldo/RS, sob coordenação de Clair Ribeiro Ziebell, foram realizadas três oficinas e uma manifestação pública. Na cidade, ainda não existe nenhum serviço de atendimento à mulher.

No Rio, Felícia de Moraes Soares, junto com Maria Amélia Pires, realizou um encontro/oficina com 45 lideranças e 28 usuárias de serviços, das regiões metropolitanas. Foram eleitos pólos dinamizadores e multiplica-

Quem vem pra Roda? Quem vem pra Rede? A Rede de Serviços é construída com a articulação de instituições, serviços e grupos, tanto governamentais, como não-governamentais.

dores do projeto.

Jacy Vanz Perin, de Fazenda Rio Grande, município da Grande Curitiba/PR, realizou seminário, debate público e caminhada. Houve avanço na articulação de forças do poder local com o estadual.

Em Cuiabá/MT, Madalena Rodrigues do Santos, realizou duas oficinas temáticas com meninas e meninos (aprofundando o tema no ensino), uma audiência pública na Assembléia Legislativa, com 92 lideranças (para implementação de políticas públicas) e uma grande passeata pelas ruas da cidade.

Lucilene Cruz da Silva e Maria Aparecida Renovato, de Sumaré/SP, organizaram um grande evento, com 200 pessoas, consolidando uma agenda para início da construção da rede. Ambas pertencem ao Grupo de Mulheres da Terra (Assentamentos II e III), e iniciaram um ação pioneira na cidade.

Em Paranoá, Plano Piloto do DF, Maria Nina Magalhães realizou diversas palestras e oficinas, com 130 pessoas, conseguindo a união de forças para um objetivo comum.

Maria da Penha Nascimento coordenou seminário na Zona Leste de São Paulo, com a interação efetiva entre as entidades-chave para a implementação dos serviços articulados. Na Zona Sul, o evento ficou a cargo de Maria José L.Souza e Suzanne M.Mailloux. Destaca-se a conscientização sobre a necessidade da participação efetiva de representantes do poder público, para o avanço da proposta de implementação da rede de serviços.

Em Foz do Iguaçu/PR, Moema Viezzer aprofundou a temática, na Câmara Municipal, por ocasião da inauguração do Centro de Referência Rejane Dal Bó. Em Toledo/PR, Norma H.Barros, organizou um painel que obteve um resultado imediato: a elaboração de um projeto para a criação do primeiro Centro de Referência na cidade.

Em Belo Horizonte/MG, as atividades foram coordenadas por Valéria Barreto e Maria Beatriz de Oliveira, em um seminário que teve a duração de três dias, reunindo lideranças locais e de outras regiões do estado, tanto do campo como da cidade. Conseguiu-se sensibilizar para o desenvolvimento de uma ação mais efetiva e articulada.



Em Toledo/PR, as atividades a cargo de Norma H.Barros resultaram na elaboração do projeto de criação do primeiro Centro de Referência da Mulher na cidade.



Em Paranoá (Plano Piloto do Distrito Federal), Maria Nina Magalhães conseguiu identificar e reunir lideranças comprometidas com a ação articulada.



Em Sumaré/SP, Lucilene Cruz da Silva e Maria Aparecida Renovato conseguiram mobilizar, pela primeira vez, atores principais e secundários.



Em Fazenda Rio Grande, município da Grande Curitiba/PR, Jacy Vanz Perin contou com a participação do grupo teatral da Escola Estadual Olindamir Claudino, para sensibilização ao tema.

O que é a violência contra as mulheres?

Quase metade das mulheres assassinadas no mundo foram mortas pelos companheiros ou ex. Em alguns países, até 69% das mulheres já foram agredidas fisicamente e até 47% afirmam que sua primeira relação sexual foi forçada (OMS, 2002).

Cerca de uma em cada cinco brasileiras (ou 19%) declara ter sofrido algum tipo de violência por parte de um homem. Um terço das mulheres (33%) admite já ter sido vítima, em algum momento de sua vida, de alguma forma de violência física (24% falam de ameaças com armas, 22% de agressões propriamente ditas e 13% de estupro conjugal ou abuso); 27% sofreram violências psíquicas e 11% afirmam já ter sofrido assédio sexual. (Fundação Perseu Abramo, 2001).

A violência contra a mulher é qualquer ato de discriminação, agressão ou coersão, que seja causado pelo simples fato de a vítima ser uma mulher e que provoque dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico / perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto nos espaços públicos como nos privados.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), quase metade das mulheres assassinadas são mortas pelo marido ou namorado, atual ou ex. Especificamente sobre a violência doméstica, isto é, aquela que ocorre no âmbito das relações familiares e de convivência, a Constituição brasileira define que cabe ao Estado a criação de mecanismos para coibir esse tipo de violação dos direitos humanos das mulheres.

As relações de poder, historicamente construídas para promover a desigualdade entre mulheres e homens, encontra na violência de gênero uma das suas manifestações culturais mais perversas. Como mostram os dados, a violência de gênero é uma vergonha mundial que precisa ser enfrentada, e o Brasil, infelizmente, detém um dos piores índices, onde a cada 15 segundos uma mulher é espancada.

Hoje, sabe-se que o grande desafio é justamente promover a integração e articulação entre as diversas iniciativas e segmentos, para resultar na formação de redes de serviços.

(Fonte: Agenda 2005 - Rede Mulher de Educação)

Tipos de violência:

FÍSICA: quando se ofende a integridade corporal da mulher, por meio de agressões como, por exemplo, tapas, empurrões, socos, beliscões ou golpe dado com um objeto.

SEXUAL: quando a mulher é obrigada a manter contato sexual físico ou verbal com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro meio que anule ou limite sua vontade pessoal. Pode ser praticada por um desconhecido ou por conhecidos, como o marido, colega de trabalho ou escola, padrasto, etc.

PSICOLÓGICA: quando se busca controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões da mulher, por meio da intimidação, manipulação, ameaça, humilhação, isolamento ou qualquer outra ação que ocasione prejuízo à sua saúde psicológica. Muitas vezes, a mulher tem sua auto-estima ou sensação de segurança atingida por agressões verbais, ameaças, insultos e humilhações. Essa violência acontece também quando a mulher é proibida de trabalhar, estudar, sair de casa ou viajar, de falar com amigos ou familiares.

PATRIMONIAL: quando uma ação ou omissão provoca dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores que pertencem à mulher.

MORAL: quando uma ação é executada com o objetivo de caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.

DISCRIMINAÇÃO POR MOTIVO DE SEXO: se uma pessoa perde direitos ou não tem acesso a eles simplesmente porque é mulher, ela está sendo vítima do crime de discriminação por motivo de sexo.

ASSÉDIO SEXUAL: é um crime que acontece em uma relação de trabalho, quando alguém, por palavras ou ações com sentido sexual, causa constrangimento e incomoda uma pessoa usando o poder que tem por ser patrão, chefe, colega ou cliente.

(Fontes: Unifem e Instituto Patrícia Galvão, 2004)